

NOTAS CRÍTICAS SOBRE A CRISE DE REALIZAÇÃO NO CAPITALISMO DEPENDENTE

Daniel Guzzo Moratti¹

Resumo

Este trabalho pretende analisar a dinâmica das crises de realização que ocorrem no capitalismo dependente a partir da leitura interpretativa de Ruy Mauro Marini através da Teoria Marxista da Dependência. Utiliza-se do ciclo do capital-mercadoria para chegar às causas dessa modalidade de crise para explicar, com ênfase na segunda fase da circulação, como ocorre esse fenômeno que está subordinado ao capital internacional, considerando uma categoria de análise fundamental para essa investigação, que é a superexploração da força de trabalho. A partir dela, será mostrado como essa categoria é capaz de diminuir o poder de consumo da classe trabalhadora e, conseqüentemente a redução dos meios necessários à sua reprodução, impossibilitando a completude do ciclo do capital, separando violentamente a unidade existente entre as esferas da circulação e produção, que terá por consequência uma crise do capital.

Palavras-chave: Superexploração; Crise; Dependência; América Latina

Resumen

Este trabajo pretende analizar la dinámica de las crisis de realización que se dan en el capitalismo dependiente desde la lectura interpretativa de Ruy Mauro Marini a través de la Teoría marxista de la dependencia. El ciclo mercancía-capital se utiliza para llegar a las causas de este tipo de crisis para explicar, con énfasis en la segunda fase de la circulación, cómo se da este fenómeno que está subordinado al capital internacional, considerando una categoría de análisis fundamental para esta investigación, que es la superexplotación de la mano de obra. A partir de ella, se mostrará cómo esta categoría es capaz de reducir el poder de consumo de la clase obrera y, en consecuencia, la reducción de los medios necesarios para su reproducción, imposibilitando la culminación del ciclo del capital, separando violentamente la unidad existente entre las esferas de circulación y producción, lo que resultará en una crisis de capital.

Palabras clave: Superexplotación; Crisis; Dependencia; América Latina

1. INTRODUÇÃO

O estudo das crises capitalistas é uma temática de considerável importância quando se pretende estudar o próprio desenvolvimento, crescimento e movimento do capitalismo. Em virtude da lógica dialética que constitui o sistema capitalista, a crise serve tanto para explicar quanto para ser explicada a partir do elemento essencial que guia o capitalismo: a contínua produção de valor e lucro. Sendo esse o estímulo da acumulação capitalista, sua existência cria as condições para o desenvolvimento da crise, ao mesmo tempo em que sendo é um resultado do processo que pode se manifestar através de múltiplas formas, como a tendência à queda da taxa de lucro, a superprodução, o subconsumo e a desproporção interdepartamental. Assim, não há capitalismo sem crise, pois o capitalismo é a própria crise em sua essência (SOUZA, 2013), dentro da lógica dialética e no caráter histórico, desenvolvido nos três volumes de *O Capital* de Karl Marx.

Pode-se depreender as crises como um intenso fortalecimento das tendências gerais do capitalismo e como resultado das contradições internas que se manifestam a partir do seu

¹ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: danielgmoratti@outlook.com

desenvolvimento, o qual ocorre tanto pela busca do valor quanto pela superação das próprias crises, sendo, ao mesmo tempo, uma característica inerente a esse sistema produtivo. Ao estabelecer uma nova dinâmica, o capital ganha resistência concomitantemente à sua vulnerabilidade, isto é, pode alternar os ciclos que a crise aparecerá novamente, podendo ela ser curta e intensa ou longa e suave, caracterizando novos ciclos de produção de valor.

O presente artigo pretende analisar teoricamente, por meio do arcabouço da Teoria Marxista da Dependência² (TMD), o ciclo de reprodução e crise em economias de capitalismo dependente, que tem como vilão dos ciclos de produção o capital estrangeiro, utilizado como fonte de financiamento do capital industrial. Isso significa que há uma subordinação aos capitais provenientes do centro capitalista, em que a remuneração exigida a partir do excedente da produção das economias periféricas é obtido por variados meios que se empregam distintamente no mercado mundial³, apontando o ciclo de reprodução do capital dependente com movimentos próprios e que refletem também na manifestação das crises capitalistas.

A Teoria Marxista da Dependência teve sua origem na década de 1960 e contou, em sua primeira fase, com Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos como seus principais expoentes. Na década seguinte o mercado mundial passou por grandes transformações que atingiram fortemente a forma da organização produtiva do regime de organização capitalista, tais como a quebra do sistema monetário internacional e a crise do sistema fordista de produção, o qual passou a operar com um regime de acumulação flexível (HARVEY, 1992).

A mudança no padrão do sistema monetário internacional e a intensa mundialização que já tomava conta do sistema econômico mundial já começara a configurar a predominância do caráter financeiro ao modo de produção capitalista, juntamente da autonomização das formas-valor que o capital assume, como meio para diminuir o tempo que o capital leva para produzir valor, bem como para o realizar na esfera da circulação. Isso altera as formas de extração de valor em todo o globo capitalista e no regime de acumulação do capital dependente, alterando também o ciclo que o capital produtivo conduz. Após essa introdução, segue a segunda seção tratando do ciclo do capital industrial na produção de mercadorias, alternando entre as fases da circulação e da produção. Na terceira seção, descreve-se a fase final do ciclo do capital industrial, qual seja, a circulação. Nessas duas fases

² “Teoría marxista de la dependencia es el término por el que se conoce la visión que interpreta, con base en la teoría de Marx sobre el modo de producción capitalista, en la teoría clásica del imperialismo y en algunas otras obras pioneras sobre la relación entre el centro y la periferia de la economía mundial, la condición dependiente de las sociedades periféricas como un desdoblamiento propio de la lógica de funcionamiento de la economía capitalista mundial. Esa teoría fue constituida y tuvo su auge en los años 60 del siglo pasado. A partir de ese momento, por variadas razones, fue completamente olvidada no sólo por la teoría social hegemónica, sino también por buena parte de la tradición más crítica del pensamiento social” (CARCANHOLO, p.59, 2017).

³ Categoria difundida por Marx ao estudar o sistema capitalista por completo, isto é, é uma categoria na forma mais concreta na sociedade capitalista e, portanto, mais concreta. “A categoria mercado mundial [...] é a forma mais concreta das leis gerais do modo de produção capitalista” (SALUDJIAN ET AL., 2015, p. 7).

também se observa o processo que se desdobra no rompimento da unidade entre produção e a circulação de mercadorias, resultando em uma crise de realização. Na quarta seção trata-se da crise propriamente dita, embora seus elementos estejam contidos no desenvolver do ciclo de acumulação. Por fim, na quinta e última seção, são feitas algumas considerações finais sobre o objeto de estudo.

2. O CICLO DE REPRODUÇÃO DO CAPITAL E VALOR

2.1 A PRIMEIRA FASE DA CIRCULAÇÃO

Todo o processo de criação de valor e da utilização do capital na produção e reprodução compreende-se como o ciclo do capital industrial. Marini (2012) mostra que esse ciclo é composto por três fases: circulação, produção e circulação

A fórmula $D-M \dots P \dots M'-D'$ descreve o movimento pelo qual o dinheiro assume a forma de mercadorias (meios de produção e força de trabalho), naquilo que é a primeira fase da circulação, para dar curso a um processo de produção, do qual resultam mercadorias que devem transitar pela segunda fase da circulação, para que o capital recupera novamente a forma dinheiro. A fase da produção tem a característica de ser um processo de valorização, ou seja, de criação de valor novo. (MARINI, 2012, p. 21)

Todavia, como será analisado, o ciclo do capital dependente, isso significa que a dinâmica de tal ciclo se insere mundialmente de forma diferente dos países centrais. Ora, mais especificamente, a diferença do ciclo do capital nos países dependentes é, em primeira instância, dependente de uma massa de dinheiro oriunda de países centrais, que desencadeia um novo ciclo para esse capital estrangeiro que irá compô-lo e estruturá-lo (MARINI, 2012). A estrutura econômica que as economias dependentes detêm acaba impondo a necessidade de criar a liberdade com o capital estrangeiro para integrar-se ao ciclo, isto é, juntar-se à fase de circulação e produção e reforçar essa contradição que ali dispõe, além de criar uma dinâmica interna que enfraquece a economia e a dinamiza à medida que beneficia as economias centrais.

Marini (2012) discute a dimensão do capital privado e destaca a devida importância tanto no âmbito doméstico quanto no estrangeiro, pois ambos produzem mais-valia, e essa vai se apresentar então sob a forma de meios de produção e força de trabalho para acumular, até mesmo advindo do capital estrangeiro, pois já se desconta os valores pagos à remuneração do investimento feito.

A forma de relação com outros países na inserção do mercado mundial, e em específico a economia dependente, designa a origem do ciclo do capital na dependência econômica que se constitui, pois é o capital estrangeiro investido em âmbito dessas economias que promoverá o investimento, em contrapartida dos pagamentos às remunerações dos investimentos indiretos, que retorna como pagamento de juros ao país de origem. Dessa forma, “[...] o capital estrangeiro se integra ao e determina o ciclo do capital da economia dependente e, por conseguinte, seu processo de desenvolvimento capitalista, não se deve perder de vista que ele representa uma restituição de capital em relação ao que drenou anteriormente da economia dependente (MARINI, 2012, p. 25)

Isto posto, o capital estrangeiro se insere, inicialmente, em um processo de investimento nas economias dependentes e também em um ciclo que se utiliza e se faz necessário para sua reprodução, enviando ao exterior a mais-valia obtida na periferia uma vez que nas economias dependentes possui uma força de trabalho que é remunerada abaixo do que deveria - dependendo da conjuntura -, em decorrência de diversos fatores, como a composição orgânica do capital, resultando em maior excedente, isto é,, aumento do trabalho não-pago.

Desse modo, esse capital estrangeiro utilizado é um dos determinantes do ciclo do capital de uma região dependente, pois, já que se utiliza dele para dar início ao processo de expansão, ele acaba tornando-se parte do processo e, por fim, (re)configura a maneira que o sistema capitalista dependente se reproduz. Conforme Marini (2012, p.26) destaca, “[...] o ciclo econômico da economia dependente, as distintas fases de expansão e recessão que esta atravessa, encontra-se diretamente articulado com o exterior e é suscetível em ampla medida a ser influenciado pelo Estado”.

Compreende-se, nessa circunstância, que o capital estrangeiro é um elemento que influi na primeira fase do processo de circulação das economias dependentes, as quais não têm domínio sobre o mesmo, isto é, esse capital é um elemento que, por razões categóricas da dinâmica da dependência econômica, se torna parte da mesma e do ciclo que a compõem, dentro dos condições lógicas e históricos da reprodução capitalista mundial.

Quanto à formação do capitalismo dependente, em específico a América Latina, que possui sua participação no mercado mundial, Marini (1974, p. 16) considera a sistemática do capital dependente como inerente ao processo de circulação e diz que “uma vez convertida em centro produtor de capital, a América Latina deverá criar, portanto, seu próprio modo de circulação, que não pode ser o mesmo que aquele engendrado pelo capitalismo industrial e que deu lugar à dependência”.

Além de toda a questão de o capital estrangeiro fazer parte do ciclo da economia dependente, Marini (2012, p. 28) ainda afirma que tal ciclo é “duplamente articulado e é duplamente dependente com relação ao exterior”, quando se refere às máquinas e equipamentos e algumas matérias-primas, isto é, meios de produção, que não são totalmente produzidos no mercado interno.

2.2 A FASE DA PRODUÇÃO E ACUMULAÇÃO

Além de frisar que esta fase é uma continuidade da primeira, também é importante destacar que nessa fase a produção do valor assegura a valorização do capital investido. Souza (2013, p.199-200) destaca que o processo de acumulação está diretamente relacionado em como se desenvolve a fase da produção de mercadorias, pois “a acumulação de capital é a conversão da mais-valia em capital constante novo e capital variável novo; ou seja, se se considera o processo de trabalho, a acumulação é o aumento dos meios de produção e de força de trabalho”.

Como características da relação existente entre centro e periferia, sabe-se que o centro capitalista, enquanto industrializado, possui maiores aportes tecnológicos para aumentar a produtividade a nível do mercado mundial, ou seja, os países do centro são capazes de produzir e exportar máquinas e equipamentos com maior tecnologia e, portanto, possuem em seu processo produtivo uma maior composição orgânica do capital. Nas palavras de Marini (2012, p. 28), há um “desnível tecnológico existente entre os países avançados e os dependentes”, mostrando a influência sobre o processo concorrencial a nível mundial, sobretudo quando a forma das forças produtivas é quem determinará as condições de acumulação para cada região, principalmente no que diz respeito à divisão que se dá do excedente obtido sobre o trabalho não-pago.

Para exemplificar a situação, considera-se a seguir um exemplo utilizado por Marini:

Analisemos o efeito da introdução de tecnologia nova no país dependente, considerando dois capitais individuais: *A*, correspondente a um capitalista estrangeiro que opera, suponhamos, no ramo de produção de sapatos; e *B*, representativo de um capital interno que atua nesse mesmo ramo. *A* pode trazer equipamentos e métodos de produção em relação a *B*, que produz em condições tecnológicas médias. Entretanto, apesar de produzir com custos menores, *A* venderá sua mercadoria pelo preço estabelecido ao nível de produção do capitalista *B*, ou seja, do que opera em condições normais de produção. Por consequência, embora *A* venda ao mesmo preço de mercado, seu lucro será maior que o de *B* devido à diferença do custo de produção. (MARINI, 2012, pp. 28-29)

Em síntese, o exemplo demonstra a questão da transferência de valor e, como resultado, uma troca desigual, que será abordada mais adiante. Essa transferência, nas palavras de Marini (1974, p.10), por parte das “nações desfavorecidas” que vendem abaixo do preço de produção médio e “devem ceder gratuitamente parte do valor que produzem”. Ou seja, os países centrais se apropriam dos valores que essas sociedades perdem nas trocas internacionais. Em outras palavras, como o capitalista *A* possui máquinas e equipamentos mais avançados tecnologicamente, ele consegue produzir abaixo do valor médio uma mercadoria *X* qualquer. Isso confirma que a diferença entre o valor médio e o custo que ele obtém para produzir resulta da implementação de uma tecnologia superior, a qual é responsável por diminuir o tempo de produção em cada mercadoria. Como há essa diferença, o capitalista venderá ao preço médio para obter um maior nível de lucro.

O lucro maior de *A* é, por conseguinte, um fenômeno normal, correspondente à transferência de valor no interior do ramo de sapatos. O problema não reside ali, mas sim no fato de que o lucro diferencial ou extraordinário de *A* dificilmente pode ser anulado por um esforço de *B* para, elevando sua composição orgânica, seu nível tecnológico e a produtividade do trabalho que emprega, igualar o custo de produção que *A* tem. (MARINI, 2012, p.29)

Um país poderá importar máquinas e equipamentos de maior nível tecnológico e alcançar maior capacidade produtiva reduzir seus custos em capital variável a fim de obter lucro maior, todavia, isso acontecerá apenas periodicamente, uma vez que a dinâmica concorrencial estimulará outros capitalistas a também investirem em capital constante, aumentando a composição orgânica, sendo, portanto, uma forma de mais-valia extraordinária, dado que ela é determinada pelos períodos de inovações. Portanto, com mais investimentos feitos em capital constante e menos em capital

variável ocorrerá um rebaixamento da taxa média de lucro, sinalizando uma tendência à equalização. O que ocorre, então, é uma média de preços de produção em nível agregado e, ao passo que cada capitalista individual dinamiza sua produção, esses preços giram em torno dessa média. Para Franklin (2019), “esses desvios se compensam necessariamente”, em virtude daqueles que vendem as mercadorias abaixo do preço médio se apropriam dos que perdem vendendo acima.

Como os capitalistas individuais podem operar, na maioria das vezes em condições especiais, quer dizer, apropriando valor daqueles que vendem acima do preço médio, eles obtêm uma mais-valia crescente, corroborando para o processo de acumulação (MARINI, 2012). Esse capital pode ser mais bem investido nas economias dependentes, em que a composição orgânica do capital é menor e o preço que se paga pela força de trabalho é inferior ao do centro capitalista. A partir dessa condição de produção, poderá acentuar as condições de dependência, já que tais economias têm seu processo histórico comprometido justamente em função da lógica de desenvolvimento do capitalismo e só se força em virtude dos desejos do capital em ocupar cada vez mais novos espaços geográficos, superando suas barreiras.

Carcanholo (pp. 78-80, 2017) mostra, através de Marini, que há três formas de explicar o segredo da troca desigual, embora a terceira não seja citada diretamente pelo próprio Marini, ela pode ser compreendida, de tal forma que está relacionada às demais, e todas são interpretada pelo autor em diferentes níveis de abstração⁴. A primeira foi exposta no exemplo anterior e se trata dos diferentes níveis de produtividade em um mesmo setor. A segunda, cuja forma expõe a diferença entre produtividade de diferentes setores e que Marini se refere à “formação dos preços de produção e da taxa média de lucro”. Dada a mobilidade de capitais e os diferenciais na produtividade, à medida que um capital individual consegue obter em seu setor uma mais-valia extraordinária e, conseqüentemente, um lucro extraordinário, ele acaba atraindo outros capitais para competir, o que irá alterar a taxa de lucro média daquele setor, ou então poderá pressionar todas as taxas de lucros à uma média.

[...] sectores que producen sus mercancías específicas con composición orgánica del capital (productividad) por encima de la media obtendrán un precio de producción de mercado mayor que los valores de mercado que produjeron y, portanto, venderán sus mercancías por un precio que les permitirá apropiarse de más valor del que produjeron. (CARCANHOLO, 2017, p. 79)

Por fim, o terceiro e último segredo da troca desigual está no monopólio, e que está relacionado com o último nível de abstração da lei do valor em Marx. Em alguns mercados, há capitais que possuem um determinado grau de monopólio, e quanto mais elevado, isto é, quanto maior o poder

⁴ “É preciso deixar claro que quando falamos em abstrações não nos referimos a livres criações mentais que não tem compromisso com o objeto em análise. Tratamos de abstrações reais, isto é, de determinações da existência não idênticas à aparência imediata dos fenômenos, mas que nem por isso são irreais ou “menos irreais”. Na verdade, são momentos do real que transcendem o meramente empírico, apreendidos pelo pensamento, mas criado pela própria realidade social” (SALUDJIAN ET AL, 2015).

de mercado, maior a facilidade em manter “os preços de mercado acima dos preços de produção do mercado” (Carcanholo, 2017, p. 80), possibilitando, então, auferir uma maior parcela do lucro, ao menos durante algum tempo. Neste aspecto, Carcanholo afirma que:

“Esos tres mecanismos, sólo en el plano del comercio mundial - el intercambio desigual, en los términos de Marini - nos ayudan a entender un condicionante estructural de la dependencia, pues nos permiten comprender la forma heterogénea de inserción en la economía mundial en el plano de la circulación de mercancías.[...] Esa condición estructural obliga a los capitalismos dependientes a compensar de alguna forma esa parte de la plusvalía que es transferida, para que puedan desarrollarse [...] (CARCANHOLO, 2017, pp. 80-81).

3. O CAPITAL RETORNA À CIRCULAÇÃO: O PROBLEMA DA REALIZAÇÃO

A constante necessidade de o capitalismo busca por maior produção de valor sobre as diversas técnicas produtivas e espaços geográficos o faz se desenvolver paulatinamente e ainda aumentar as forças produtivas, de modo que consiga extrair progressivamente mais-valia.

[...] o desenvolvimento das forças produtivas, na medida em que aumenta a massa e a taxa de mais-valia, acelera a acumulação de capital. Esta, por sua vez, promove a concentração e a centralização do capital, as quais são ademais estimuladas pela concorrência, pelas crises e pelo crédito. O resultado de tudo isto é um novo desenvolvimento da produtividade e, por conseguinte, uma aceleração do aumento da composição orgânica do capital (SOUZA, 2013, p. 204).

A autopromoção que o capital exerce para se ampliar o faz modificar as técnicas de extração de valor e mais-valia, buscando a maior parcela possível, contudo, enfrenta barreiras, a partir do momento em que busca realizar esse aumento por meio do aumento da mais-valia absoluta ou por via da superexploração do trabalho. Os modos mais mascarados que ele pratica são via aumento da mais-valia relativa⁵ – que se dá na busca do progresso técnico – e por meio do barateamento do valor da força de trabalho, que diminui conseqüentemente o valor das mercadorias – inclusive as de seus consumos mínimos para reprodução.

Como o argumento seguido considera que os países dependentes possuem investimento que, em grande parte, é advindo do capital estrangeiro, a demanda por bens de consumo é um importante elemento na periferia, uma vez que esta variável é chave do processo da realização da mais-valia, bem como aquela obtida para acumulação e, contraditoriamente, para o desencadeamento do fenômeno da crise capitalista⁶.

A lógica do capital que compõe sua existência é a procura contínua de expansão, de valorização, e da criação de novos mercados, local este onde se dá a venda de mercadorias. Entretanto,

⁵ “Deve-se considerar que a desvalorização da força de trabalho e, assim, o aumento da taxa de mais-valia sob a forma de mais-valia relativa, não ocorre no mesmo grau em que aumenta a produtividade” (SOUZA, 2013, p. 205).

⁶ “[...] as crises se manifestam de todas essas maneiras [sobreprodução, realização, subconsumo, desproporção, etc.], porque as crises são simultaneamente a expressão da unidade do capital e suas várias facetas ou metamorfoses em seus ciclos de reprodução.” (OSÓRIO, 2012, p. 69)

como a busca incessante pelo lucro não consegue prever *ex-ante* o quanto será consumido a partir de uma dada produção, é daí que se estabelece o processo da não-realização da mais-valia.

Quando lançada uma grande quantia de produtos no mercado, tem-se que a parte do ciclo do capital individual referente à mercadoria não se transformará em dinheiro, isto é, para que ocorra o processo de venda. Então o vendedor deste produto terá que diminuir seu preço, dadas as condições de oferta e demanda do mercado em questão, que ocasionará em uma redução da taxa de lucro deste capitalista.

O conjunto de massa de mercadorias [...] precisa ser vendido. Se isso não acontece ou só acontece em parte ou a preços que estão abaixo dos preços de produção, então [...] [a] a exploração não se realiza enquanto tal para o capitalista, podendo estar ligada a uma realização nula ou parcial da mais-valia extorquida, e mesmo a uma perda parcial ou total de seu capital. [...] são produzidas mercadorias em demasia para poder realizar o valor nelas contido e a mais-valia encerrada nele, sob as condições de distribuição e de consumo dadas pela produção capitalista, e poder retransformá-la em novo capital, isto é, levar a cabo esse processo sem explosões sempre recorrentes. Marx, p. 185 (apud OSÓRIO, 2012, p. 67).

Há de se analisar também o porquê de a não-realização das mercadorias ocorrer no processo de circulação, uma vez que, embora sejam produzidas em grande escala as mercadorias, a classe trabalhadora também possui sua restrição que está imposta a ela nas sociedades dependentes, que se dá em razão da subvalorização do valor da força de trabalho em alguns períodos do tempo, quando os salários são pagos abaixo do valor da força de trabalho.

Como o capital se esforça para obter progressivamente mais valor, ele busca aumentar o progresso técnico a fim de que eleve sua capacidade de produzir cada vez mais, todavia, a produção tem crescido proporcionalmente mais que a demanda que o segue, estabelecendo um conflito quanto ao consumo necessário à produção. Isso se dá em decorrência de o valor da força de trabalho ser cada vez mais reduzido em decorrência da composição técnica do capital e também na superexploração da força de trabalho. Portanto, existe um limite de até que ponto pode diminuir o consumo da classe trabalhadora e até que nível de produção poderá continuar se expandindo. Caso contrário, sempre que o consumo da classe operária - muito rebaixado devido às suas condições de reprodução - e a produção se polarizarem demasiadamente, haverá um rompimento da unidade, a qual resultará na crise de realização.

Os processos de produção e circulação constituem uma unidade. Isto significa que enquanto modo de produção de mercadorias, e de mercadorias que contenham sobretrabalho, o capitalismo só existe à medida que as mercadorias se realizam, realizando igualmente a mais-valia. Marx (1977b, terceira seção) demonstra por meio dos esquemas de reprodução que essa possibilidade de realização, isto é, esta possibilidade de unidade entre o processo de produção e o de circulação, existe. [...] Mas a unidade entre os dois processos é uma unidade contraditória. Segundo Marx, os economistas que negam as crises afirmam, então, somente a unidade das duas fases. Se só estivessem separadas, sem ser unidade, sua unidade não poderia ser estabelecida pela força, e não haveria crise. Se só fossem unidade sem estarem separadas, não haveria separação violenta que implicasse crise. A crise é o estabelecimento forçada da unidade entre elementos que se independizaram, e a separação forçada, de um ou de outro, de elementos que em essência são um só. (SOUZA, 2013, p. 194 apud MARX, 1975, p.440).

As contradições que compõem o capitalismo dependente são endógenas e consideradas condições estruturais básicas de sua sobrevivência, e, como é intrínseco a ele, sempre são postas barreiras que tentem impossibilitar sua expansão, porém, na verdade, são condições necessárias para que ele cresça e as superem, tais como as crises, que são resultado do movimento dialético de expansão do capital e que reforçam o caráter do ciclo que se encontram.

A característica objetiva da crise é o fato de que elas são desdobramentos dialéticos dentro de uma unidade - produção e circulação - e concede à teoria marxista um melhor método para entendê-la, ainda que seja capaz de esconder inúmeras contradições inerentes ao modo de produção⁷. Carcanholo (2017) trabalha com a hipótese de que a causa do fenômeno está relacionada ao processo de acumulação do capital, reforçando a ideia de não poder haver equívoco entre as causas e as manifestações da crise, sendo que a causa está na dialética entre o trabalho privado e social e a manifestação em como a crise se apresenta, a exemplo, a crise de superprodução.

Mas esta não é uma mera superprodução de mercadorias, mas fundamentalmente superprodução de capital. Isto não só porque os meios de produção em excesso são formas de manifestação do capital, mas também porque a superprodução revela que há demasiado capital para valorizar-se à antiga taxa de lucro, ou seja, que a taxa de lucro reduzida não é suficiente para valorizar o capital. [...] para recuperar seu antigo nível de valorização, o capital tem que se desvalorizar, propagando ainda mais a crise. (SOUZA, 2013, p. 210)

Dessa forma, entende-se que a crise está ligada à acentuação das contradições que emergem no desenvolver da economia capitalista, tal qual aparece na unidade contraditória que há entre a produção e a circulação de mercadorias, que atua como ponto fundamental em um dos entendimentos da crise capitalista.

La divergencia entre el carácter limitado de la producción del valor-capital y su realización en la esfera del consumo ocurre porque el objetivo del capital es la apropiación de la plusvalía en la forma de ganancia, y ésta se concretiza en el plano de la particularidad, esto es, según la lógica privada que caracteriza la esfera de la circulación de mercancías, independientemente de las necesidades social del consumo. (CARCANHOLO, 2017, p. 26)

Portanto, se há qualquer desvio da “normalidade” do padrão de acumulação, haverá crise. Logo, Carcanholo (2017) aponta também que a crise irrompe no momento em que “la tendencia a la exacerbación del proceso de producción del valor-capital encuentra su límite en la crisis” e conclui que a unidade se restabelece a partir do momento que surge a crise, isto é, o limite da reprodução do capital para aquele ciclo.

O próprio desenvolver da produção de capital e da acumulação “tende a impulsionar uma produção ilimitada de valor-capital” (CARCANHOLO, 2017, p. 25) que implica em uma alteração no nível de consumo, porém cria barreiras ao se deparar com o imenso volume de capital⁸

⁷ “El proceso en su conjunto se presenta como una unidad del proceso de producción y del proceso de circulación; el proceso de producción sirve de mediador del proceso de circulación, y viceversa” (CARCANHOLO, 2017, p. 23 apud. Marx, 1968, tomo II, p.90)

⁸ “Ainda que não se confunda com o dinheiro ou com os meios de produção, em seu movimento, enquanto relação social, valor que se valoriza, o capital tem que passar continuamente por estas formas, ora manifestando-se como dinheiro na

(mercadoria, dinheiro e produtivo) que não consegue valorizar. Dessa maneira, Marx (1968, apud CARCANHOLO, 2017) considera o capital como o ponto de partida e a origem, isto é, o motivo de produzir e a razão para parar/reduzir a produção. Em suma, a superprodução de capital assume diversas formas, e essa superprodução já é a manifestação do fenômeno crise, em que o capital produz muito em relação a si mesmo e possui a taxa de lucro como um “termômetro” desse exacerbação, em que ocorre, conjuntamente, uma desvalorização do capital produzido, uma vez que não consegue realizar o valor produzido.

Como as nações desfavorecidas transferem valor, involuntariamente, na troca no mercado mundial, para os países do centro, assim

as nações desfavorecidas pela troca desigual não buscam tanto corrigir o desequilíbrio entre os preços e o valor de suas mercadorias exportadas (o que implicaria um esforço redobrado para aumentar a capacidade produtiva do trabalho), mas procuram compensar a perda de renda gerada pelo comércio internacional por meio do recurso de uma maior exploração do trabalhador. (MARINI, 1974, p. 11)

Portanto, essa “maior exploração do trabalhador” é entendida como a categoria da superexploração do trabalho, cuja análise é fundamental para compreender o desenvolvimento contemporâneo das sociedades capitalistas dependentes. Desta forma, o que mais importa quando analisada a transferência de valor é o fato de que a superexploração se insere nas economias periféricas como elemento para compensar essa troca em âmbito internacional, isto é, compensar a perda da mais-valia para os capitalistas locais⁹.

“A superexploração do trabalho corresponde a uma situação na qual os salários pagos aos trabalhadores são inferiores ao valor da força de trabalho, impedindo que essa classe se reproduza em suas condições normais” Marini (1972, apud FRANKLIN, 2019, p.1). Esta é uma definição importante no que tange ao “conceito” da categoria da superexploração da força de trabalho, já que este não provém diretamente de Marx. Para Marini, essa categoria se dá nos seguintes termos:

[...] para que se eleve la cuota de plusvalía, o por lo menos para que se eleve en grado más que proporcional al aumento de la intensidad del trabajo, será necesario que — independientemente de que aumente el precio y el salario de la fuerza de trabajo — ésta se remunere por debajo de su valor, es decir, sea objeto de una superexplotación (MARINI, 1979, p. 14-15).

Segundo Carcanholo (2017), essa categoria é uma das formas concretas que há no capitalismo para elevar o excedente do capital e conseguir expropriar uma taxa ainda maior de mais-valia, embora seja esse o objetivo de quaisquer nações situadas dentro do regime de produção capitalista.

circulação, ora como meios de produção e força de trabalho no processo produtivo, ora como mercadoria na circulação” (SOUZA, 2013, p. 193).

⁹ A superexploração é apenas um dos elementos que os capitalistas utilizam para o aumento da taxa de mais-valia, porém, quando pensamos na inserção da América Latina no mercado mundial, essa contribuiu “para que o eixo da acumulação na economia industrial se deslocasse da produção de mais-valia absoluta para a de mais valia relativa [...]” (Marini, 1974, p. 5)

4. A CRISE DE REALIZAÇÃO

Como existe uma transferência de valor no âmbito do mercado mundial, a superexploração da força de trabalho é um dos meios para equilibrar o que se perde para as economias centrais, ou seja, um método de aumentar a taxa de mais-valia. Até que o valor da força de trabalho retorne à igualdade com o salário médio de mercado, haverá um ganho de superexploração do trabalho, dependendo do ciclo ao qual a economia se encontra (FRANKLIN, 2019). No momento que este desnível se restabelecer, haverá como resultado desse processo uma extração maior de mais-valia.

Como a redução dos salários antecipa a redução do valor da força de trabalho, há um período de preponderância da superexploração, que se iniciam quando os salários passam a apresentar uma tendência decrescente (t1) e se estende até o momento em que o valor da força de trabalho se adequa à nova média de remuneração (t2) (FRANKLIN, 2019, p. 15).

Embora a superexploração seja entendida como uma das maneiras de aumentar a taxa de mais-valia, todavia, simultaneamente, Marini (1972, apud FRANKLIN, 2019, p. 2) destaca que essa categoria superexploração é um dos mecanismos da divergência entre salário e o valor da força de trabalho, uma vez que ela reduz o consumo dos trabalhadores como consequência do ato da diminuição do nível salarial.

Portanto, os trabalhadores de economias periféricas que são superexplorados têm perda de consumo no médio e longo prazo e isso atinge a demanda por bens de consumo, afetando, obrigatoriamente, a produção capitalista, que possui em seu âmago a necessidade de realização da mais-valia. Essa degradação do valor da força de trabalho é um problema para o capital, pois integra sua necessidade de reprodução para obtenção de valor e simultaneamente desfavorece o valor da força de trabalho.

Ao ser iniciada a fase de realização, essa contradição aparente entre o consumo individual dos trabalhadores e a reprodução do capital desaparece, uma vez que o dito consumo (somado ao dos capitalistas e das camadas improdutivas em geral) restabelece ao capital a forma que lhe é necessária para começar um novo ciclo, quer dizer, a forma dinheiro. O consumo individual dos trabalhadores representa, portanto, um elemento decisivo na criação de demanda para mercadorias produzidas, sendo uma das condições para que o fluxo da produção se resolva adequadamente no fluxo da circulação. (MARINI, 1973, p. 17)

Dessa forma, ainda que os salários dos trabalhadores sejam rebaixados abaixo do valor de sua força de trabalho, Marini (1979, p.18-19) afirma que “en su nivel básico, la demanda depende de como el producto excedente se distribuye entre plusvalía y salarios; en su nivel derivado, la demanda gira en torno a la manera como se distribuye la plusvalía, así como al modo como esta se resuelve em acumulación y consumo”. Isso quer dizer que, como o objetivo é aumentar a taxa de mais-valia, ainda que aumente o valor, este não resultará em aumento algum nos salários, que, na verdade, foram rebaixados para aumentar a mais-valia, sem contar com a transferência de valor que se dá no mercado mundial e ainda no excedente referente à remuneração dos investimentos feitos pelo capital estrangeiro. Assim, todo aumento de valor se destina ao processo de acumulação.

Em suma, para uma economia que está pautada na superexploração da força de trabalho e nas baixas condições de reprodução de uma classe trabalhadora, torna-se difícil a validação da mais-valia no processo de reprodução do capital, isto é, a mais-valia produzida não se realiza enquanto não houver a compra das mercadorias. Além disso, as economias dependentes constantemente tentam implementar novas tecnologias para conseguir extrair mais-valia extra e compensar as perdas no mercado mundial. E justamente aí que se encontra contraponto do processo de acumulação de capital, uma vez que a não-realização da mais-valia implicaria carência desse elemento na reprodução ampliada do capital, bem como Souza (2013, p. 191) destaca que “o verdadeiro problema da acumulação seria, pois, como se realiza a parte das mercadorias em que se plasma a porção da mais-valia destinada à acumulação”. Isto significa que o próximo ciclo de reprodução do capital perde forças, pois faltam elementos para continuar a valorização de mais capital, bem como a força de trabalho.

Dessa forma, a falta de demanda interna em economias dependentes abre as portas para uma das formas de manifestação da crise capitalista, ou que pelo menos começa a atingi-la, obrigando o capital a procurar um novo mercado para o consumo dessas mercadorias, impulsionando as mercadorias para consumo no mercado mundial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho considerou uma economia periférica que sofre momentaneamente de um processo de superexploração da força de trabalho, enquanto parte do movimento do ciclo do capital dependente e que diminui o valor da força de trabalho e, conseqüentemente, o poder de compra da classe trabalhadora. Isso ocorre devido à quantidade de valor contida nas mercadorias produzidas possuírem menor quantidade de valor, dado um aumento da composição orgânica do capital, investindo menos em capital variável.

Em se tratando de uma demasiada produção de mercadorias, poderá ocorrer uma crise capitalista em função de o ciclo da mercadoria não se completar e a mais-valia não se realizar, resultando na problemática que já estabelecida acerca da separação do processo de circulação e produção – em essência uma unidade. A forma que o fenômeno crise toma diante do ciclo econômico dependerá de que parte do ciclo ocorre a irrupção entre produção e circulação, e, nessa análise, é sobre a crise de realização, em que não há uma completude da metamorfose da mercadoria.

Por fim, o capital estrangeiro que, em grande parte, comanda a dinâmica econômica que rege a economia dependente, ao se defrontar com uma crise de realização, em que a mais-valia produzida não efetiva no ato da venda dos produtos, ele busca investir em outros mercados para conseguir obter em condições “normais” a extração de mais-valia, alterando as condições do padrão de acumulação.

REFERÊNCIAS

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Dependencia, superexplotación del trabajo y crisis: una interpretación desde Marx**. Maia, 2017.

FRANKLIN, Rodrigo Straessli Pinto. O que é superexploração?. **Economia e Sociedade**, v. 28, n. 3, p. 689-715, 2019.

MARINI, Ruy Mauro. O ciclo do capital na economia dependente. Em: FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE, Mathias. **Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência**. Boitempo Editorial, 2012. pp. 21-35.

MARINI, Ruy Mauro. Plusvalía extraordinaria y acumulación de capital. **Cuadernos Políticos**, v. 20, p.18-39, 1979.

MARINI, Ruy Mauro; SADER, Emir. **Dialéctica de la dependencia**. México: Era, 1974.

OSÓRIO, Jaime. O ciclo do capital na economia dependente. Em: FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE, Mathias. **Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência**. Boitempo Editorial, 2012. pp. 36-86.

SALUDJIAN, Alexis; MIRANDA, Flávio; CARCANHOLO, Marcelo. Marx, marxismo e mercado mundial: lei do valor, método e historicidade. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015.

SOUZA, Nilson Araújo de. Teoria marxista das crises, padrão de reprodução e “ciclo longo”. **Desenvolvimento e dependência: cátedra Ruy Mauro Marini**. Brasília: Ipea, p. 189-228, 2013.